

APOSTILA

CURSO PREPARATÓRIO



eutenhofoco.com.br

Prof.^a DAIANE MARETOLI

 daiane_maretoli



DESDE 2011
Transformando sonhos
em realidade!



REVISÃO 01

ECONOMIA E SOCIEDADE NO BRASIL COLÔNIA

01) (ENEM 2012 – Segunda aplicação) Dos senhores dependem os lavradores que têm partidos arrendados em terras do mesmo engenho; e quanto os senhores são mais possantes e bem aparelhados de todo o necessário, afáveis e verdadeiros, tanto mais são procurados, ainda dos que não têm a cana cativa, ou por antiga obrigação, ou por preço que para isso receberam.

ANTONIL, J. A. Cultura e opulência do Brasil [1711]. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967 (adaptado).

Segundo o texto, a produção açucareira no Brasil colonial era

- A) baseada no arrendamento de terras para a obtenção da cana a ser moída nos engenhos centrais.
- B) caracterizada pelo funcionamento da economia de livre mercado em relação à compra e venda de cana.
- C) dependente de insumos importados da Europa nas frotas que chegavam aos portos em busca do açúcar.
- D) marcada pela interdependência econômica entre os senhores de engenho e os lavradores de cana.
- E) sustentada no trabalho escravo desempenhado pelos lavradores de cana em terras arrendadas.

02) (ENEM – 2012) De acordo com um estudo recente, na Bahia, entre 1680 e 1797, de 160 filhas nascidas em 53 famílias de destaque, mais de 77% foram enviadas a conventos, 5% permaneceram solteiras e apenas 14 se casaram. Tendo em vista que, no período colonial, mesmo entre pessoas livres, a população masculina era maior que a feminina, esses dados sugerem que

- A) os senhores-de-engenho não deixavam suas filhas casarem com pessoas de nível social e econômico inferior.
- B) entre as mulheres ricas, a devoção religiosa era mais intensa e fervorosa do que entre as mulheres pobres.
- C) os homens brancos preferiam manter sua liberdade sexual a se submeterem ao despotismo dos senhores-de-engenho.
- D) a vida na colônia era tão insuportável para as mulheres que elas preferiam vestir o 01
- E) a sociedade colonial se pautava por padrões morais que privilegiavam o sexo e a beleza e não o status e a riqueza.

GABARITO:

01)	02)
-----	-----

CULTURA NEGRA NO BRASIL

01) (ENEM 2017)



Fotografia de Augusto Gomes Leal e da ama de leite Mônica, cartão de visita de 1860.

KOUTSOUKOS, S. S. M. Amas mercenárias: o discurso dos doutores em medicina e os retratos de amas – Brasil, segunda metade do século XIX. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org>. Acesso em: 8 maio 2013.

- A fotografia, datada de 1860, é um indício da cultura escravista no Brasil, ao expressara
- A) ambiguidade do trabalho doméstico exercido pela ama de leite, desenvolvendo uma relação de proximidade e subordinação em relação aos senhores.
 - B) integração dos escravos aos valores das classes médias, cultivando a família como pilar da sociedade imperial.
 - C) melhoria das condições de vida dos escravos observada pela roupa luxuosa, associando o trabalho doméstico a privilégios para os cativos.
 - D) esfera da vida privada, centralizando a figura feminina para afirmar o trabalho da mulher na educação letrada dos infantes.
 - E) distinção étnica entre senhores e escravos, demarcando a convivência entre estratos sociais como meio para superar a mestiçagem.

02) (ENEM 2018) Outra importante manifestação das crenças e tradições africanas na Colônia eram os objetos conhecidos como "bolsas de mandinga". A insegurança tanto física como espiritual gerava uma necessidade generalizada de proteção: das catástrofes da natureza, das doenças, da má sorte, da violência dos núcleos urbanos, dos roubos, das brigas, dos malefícios de feiticeiros etc. Também para trazer sorte, dinheiro e até atrair mulheres, o costume era corrente nas primeiras décadas do século XVIII, envolvendo não apenas escravos, mas também homens brancos.

CALAINHO, D. B. *Feitiços e feiticeiros*. In: FIGUEIREDO, L. *História do Brasil para ocupados*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013 (adaptado).

A prática histórico-cultural de matriz africana descrita no texto representava um(a)

- A) expressão do valor das festividades da população pobre.
- B) ferramenta para submeter os cativos ao trabalho forçado.
- C) estratégia de subversão do poder da monarquia portuguesa.
- D) elemento de conversão dos escravos ao catolicismo romano.
- E) instrumento para minimizar o sentimento de desamparo social.

03) (ENEM 2019) A comunidade de Mumbuca, em Minas Gerais, tem uma organização coletiva de tal forma expressiva que coopera para o abastecimento de mantimentos da cidade do Jequitinhonha, o que pode ser atestado pela feira aos sábados. Em Campinho da Independência, no Rio de Janeiro, o artesanato local encanta os frequentadores do litoral sul do estado, além do restaurante quilombola que atende aos turistas.

ALMEIDA, A. W. B. (Org.). *Cadernos de debates nova cartografia social: Territórios quilombolas e conflitos. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia; UEA Edições, 2010 (adaptado)*.

No texto, as estratégias territoriais dos grupos de remanescentes de quilombo visam garantir:

- A) Perdão de dívidas fiscais.
- B) Reserva de mercado local.
- C) Inserção econômica regional.
- D) Protecionismo comercial tarifário.
- E) Benefícios assistenciais públicos.

GABARITO:

01)	02)	03)
-----	-----	-----

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

01) (ENEM 2011) Os principais distúrbios começaram em Nottingham, em 1811. Uma grande manifestação de malharistas, gritando por trabalho e por um preço mais liberal, foi dissolvida pelo exército. Naquela noite, sessenta armações de malha foram destruídas na grande vila de Arnold por amotinados que não tomaram nenhuma precaução em se disfarçar e foram aplaudidos pela multidão.

THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 (Fragmento).

Esse texto diz respeito à nova realidade socioeconômica da Inglaterra implantada a partir da Revolução Industrial. A principal consequência para os trabalhadores nas primeiras décadas do século XIX se manifestou por meio

- A) de petições enviadas ao Parlamento inglês na defesa de direitos coletivos.
- B) do descontentamento pelo aumento de preços dos alimentos básicos e moradia.
- C) da conquista de direitos trabalhistas pela atuação combativa dos sindicatos.
- D) da destruição de máquinas que deterioravam as condições de vida e de trabalho.
- E) da vitória sobre a burguesia, com a redução da jornada de trabalho para oito horas.

02) (ENEM 2016) A Segunda Revolução Industrial, no final do século XIX e início do século XX, nos EUA, período em que a eletricidade passou gradativamente a fazer parte do cotidiano das cidades e a alimentar os motores das fábricas, caracterizou-se pela administração científica do trabalho e pela produção em série.

MERLO, A. R. C.; LAPIS, N. L. A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e a sociologia do trabalho. Psicologia e Sociedade, n. 1, abr. 2007.

De acordo com o texto, na primeira metade do século XX, o capitalismo produziu um novo espaço geoeconômico e uma revolução que está relacionada com a:

- A) proliferação de pequenas e médias empresas, que se equiparam com as novas tecnologias e aumentaram a produção, com aporte do grande capital.
- B) técnica de produção fordista, que instituiu a divisão e a hierarquização do trabalho, em que cada trabalhador realizava apenas uma etapa do processo produtivo.
- C) passagem do sistema de produção artesanal para o sistema de produção fabril, concentrando-se, principalmente, na produção têxtil destinada ao mercado interno.
- D) independência política das nações colonizadas, que permitiu igualdade nas relações econômicas entre os países produtores de matérias-primas e os países industrializados.
- E) constituição de uma classe de assalariados, que possuíam como fonte de subsistência a venda de sua força de trabalho e que lutavam pela melhoria das condições de trabalho nas fábricas.

03) (ENEM 2010) O movimento operário ofereceu uma nova resposta ao grito do homem miserável no princípio do século XIX. A resposta foi a consciência de classe e a ambição de classe. Os pobres então se organizavam em uma classe específica, a classe operária, diferente da classe dos patrões (ou capitalistas). A Revolução Francesa lhes deu confiança; a Revolução Industrial trouxe a necessidade da mobilização permanente.

HOBSBAWM, E. J. A era das revoluções. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

No texto, analisa-se o impacto das Revoluções Francesa e Industrial para a organização da classe operária. Enquanto a “confiança” dada pela revolução Francesa era originária do significado da vitória revolucionária sobre as classes dominantes, a “necessidade da mobilização permanente”, trazida pela Revolução Industrial, decorria da compreensão de que

- A) a competitividade do trabalho industrial exigia um permanente esforço de qualificação para o enfrentamento do desemprego.
- B) a completa transformação da economia capitalista seria fundamental para a emancipação dos operários.
- C) a introdução das máquinas no processo produtivo diminuía as possibilidades de ganho material para os operários.
- D) o progresso tecnológico geraria a distribuição de riquezas para aqueles que estivessem adaptados aos novos tempos industriais.
- E) a melhoria das condições de vida dos operários seria conquistada com as manifestações coletivas em favor dos direitos trabalhistas.

GABARITO:

01)	02)	03)
-----	-----	-----